

O segundo semestre de 2017 teve início com indicadores que revelam relativa continuidade do cenário que predominou no 1º semestre do ano: inflação sob controle, queda da SELIC e modesta criação de vagas no mercado formal de trabalho.

O IPCA (IBGE) voltou a subir em julho/2017 alcançando 0,24%, frente à deflação de -0,23% no mês anterior, e acumulando alta de 1,43% no ano. Apesar da alta mensal, o IPCA acumulado no ano (jan a jul) é muito menor que os 4,96% referentes ao mesmo período de 2016. No acumulado entre agosto/2016 e julho/2017 o IPCA chegou a 2,71%, o menor patamar desde os 12 meses encerrados em fevereiro de 1999, quando chegou a 2,24%.

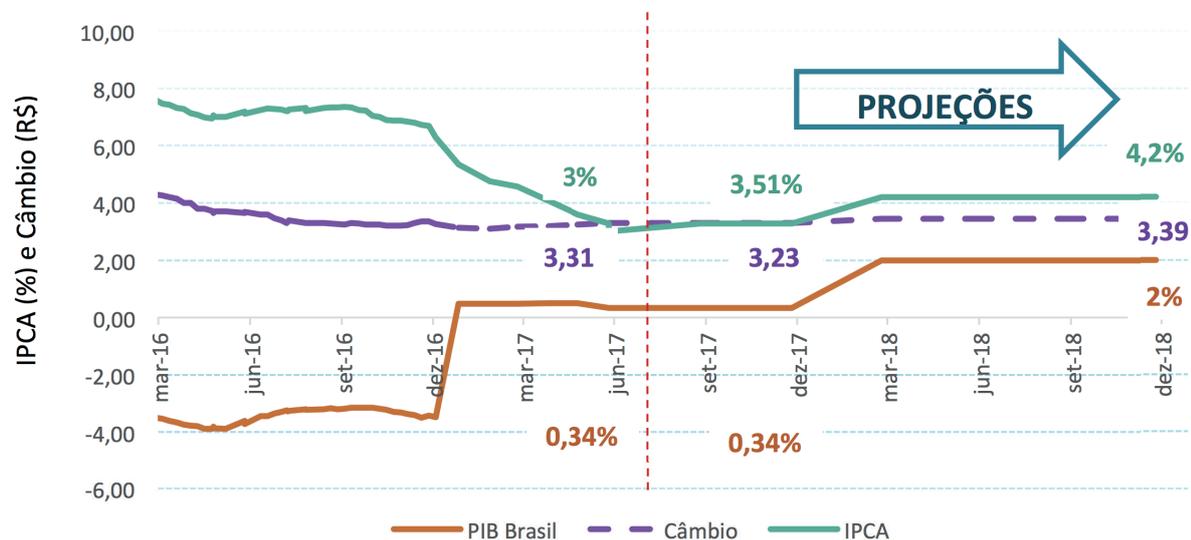
As maiores altas mensais ocorreram nos grupos 'habitação' (1,64%) e 'transportes' (0,34%), puxados, respectivamente, pelos aumentos de preço da energia elétrica (6%) e dos combustíveis (0,92%), esse último refletindo o aumento do PIS/COFINS em 21/Julho. Já o grupo de 'alimentação e bebidas' teve queda de preços pelo terceiro mês consecutivo: -0,47% em julho, acumulando -0,50% em 2017 e -0,66% nos últimos 12 meses. Com peso de ¼ no índice global, o grupo de alimentação e bebidas contribuiu com uma queda de -0,12p.p. para o resultado global do IPCA em julho.

Esse bom comportamento dos preços tem permitido ao Comitê de Política Monetária (COPOM) manter a trajetória declinante da SELIC. A última redução ocorreu na 208ª Reunião do COPOM encerrada em 26/Julho quando, pela 3ª vez consecutiva, houve redução de 1p.p. na taxa básica de juros da economia brasileira que alcançou 9,25% a.a. As projeções mais recentes, conforme Boletim FOCUS divulgado dia 21/Agosto, indicam SELIC a 7,5% já em outubro/2017.

Em termos de atividade econômica, o PIB do agronegócio voltou a crescer acumulando alta de 0,36% em 2017 diante de crescimento em igual montante em maio/2017, dado mais recente disponível. Essa melhora reflete a continuidade da expressiva expansão do segmento primário (0,40% em maio e 4,06% no ano) somada, em maio, à retomada da expansão da agroindústria (0,43% em maio e -2,13% no acumulado do ano).

Por fim, no mercado de trabalho a recuperação também tem ocorrido de maneira modesta. A boa notícia dos dados divulgados em agosto é que, pela 1ª vez no ano, a indústria (12.594), o comércio (10.156), os serviços (7.714) e a construção civil (724) também voltaram a expandir o número de postos de trabalho no mercado formal. Tais desempenhos, somados ao da agropecuária (7.055), levaram à criação líquida de 35.900 vagas. Até abril, essa expansão acontecia praticamente apenas na agropecuária. Os setores extrativo mineral (-224), serviços de utilidade pública (-1.125) e a administração pública (-994) fecharam vagas em agosto.

Figura 1 – Crescimento, Inflação e Taxa de Câmbio



Atividade Econômica (Julho/2017)

As Projeções de Mercado (FOCUS) para a inflação em 2017 iniciaram o ano em 4,8% e após encerrarem o 1º semestre a 3,46%, chegaram à mínima de 3,26% em 19/Julho. O reajuste do PIS/CONFINS sobre os combustíveis marcou o ponto de inflexão levando, um mês depois, as expectativas para a inflação em 2017, a 3,51%. Esse patamar é ainda 1 p.p. inferior ao centro da meta de inflação estabelecida para o ano.

As projeções para a SELIC em dez/2017 também vem sendo repetidamente revistas para baixo e atualmente encontram-se no patamar de 7,5% tanto para dez/2017 como para dez/2018. Em jan/2017 as expectativas eram de que a SELIC encerrasse 2017 a 10,25%.

O Relatório FOCUS de 21/Agosto revela que pela 1ª vez o mercado espera que o patamar de juros a 7,5% seja alcançado já em outubro, ou seja, prevê 2 quedas consecutivas de 0,75% ou 1% nas 2 próximas reuniões do COPOM.

Quanto ao PIB, por outro lado, as projeções de mercado têm se deteriorado ao longo do ano. As estimativas, que em janeiro eram de crescimento de 0,5% no ano, oscilaram entre 0,59% e 0,41% no 1º semestre, mas caíram a 0,34% em Julho. Ou seja, apesar das melhores perspectivas de inflação de SELIC, o mercado entende que a recuperação da atividade econômica deve ser lenta e gradual. Para 2018, as expectativas apontam hoje crescimento de 2%, 0,2p.p. a menos que no início de 2017.

Expectativas Macroeconômicas	2017	2018
PIB (% ao ano)	0,34	2,00
Taxa de câmbio – fim do período (R\$/US\$)	3,23	3,39
Taxa SELIC – fim do período (% ao ano)	7,50	7,50
IPCA (% ao ano)	3,51	4,20
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	51,80	55,29
Produção industrial (% crescimento)	1,10	1,85
Saldo em conta corrente (US\$ bilhões)	-19,85	-33,19
Investimento estrangeiro direto (US\$ bilhões)	75,00	75,00
Balança comercial (US\$ bilhões)	61,90	48,00

Fonte: Relatório Focus (21/08/2017).

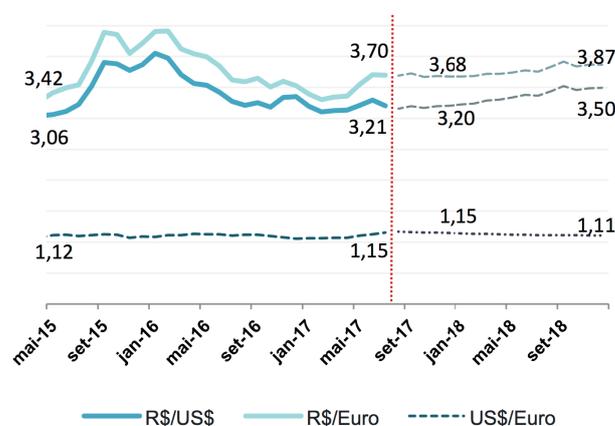
Câmbio (Julho/2017)

A taxa de câmbio (R\$/Dólar) tem mostrado ligeira apreciação em 2017: 4,36% no acumulado do ano, 2,71% entre junho e julho, e 2,12% entre jul/2016 e jul/2017.

Já frente ao Euro o movimento tem sido na direção oposta exceto pela apreciação de 0,16% entre junho e julho/2017. No acumulado do ano houve depreciação de 4,66% e frente a Julho/2016 a depreciação foi de 2,02%.

Já a taxa de câmbio entre o Dólar e o Euro, a depreciação tem sido mais expressiva: 2,62% no mês, 9,43% no ano, e 4,23% frente a Julho/2016.

Figura 2: Taxa Média Mensal de Câmbio



Fonte: Banco Central do Brasil e LCA Consultores (18/08/2017).

*A partir de agosto de 2017 os dados são projetados pela LCA Consultores.

As projeções apontam que as cotações médias do Dólar e do Euro devem encerrar 2017, respectivamente a R\$3,20 e a R\$3,68. Já a projeção para a cotação média dólar-euro é de US\$ 1,11.

Balança Comercial (Julho/2017)

A Balança Comercial Brasileira alcançou saldo de US\$42,5 bilhões no período entre janeiro e julho de 2017. Esse montante é 50,6% maior que os US\$28,2 bilhões de superávit comercial alcançados no mesmo período de 2017. Só em julho/2017 a Balança Comercial Brasileira apresentou saldo positivo de US\$6,3 bilhões.

Tanto o resultado mensal como do acumulado no ano derivam do superávit comercial do agronegócio que alcançou US\$7,93 bilhões em Julho/2017 e US\$48 bilhões no acumulado dos 7 primeiros meses do ano. O excepcional desempenho

Figura 3: Balança comercial brasileira – Jan a Jul de cada ano (US\$ bilhões e Participação no Total)

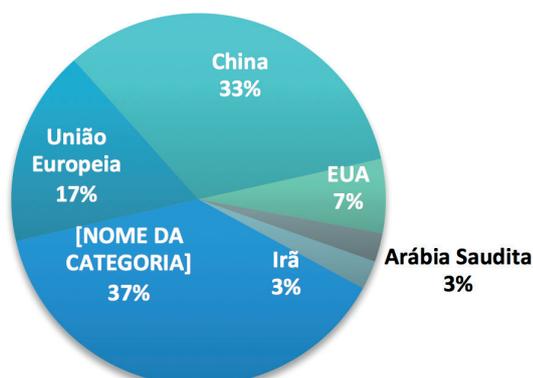


Fonte: Aliceweb (MDIC) Agrostat (MAPA).

externo do agronegócio sobrepôs-se ao déficit comercial dos demais setores da economia brasileira que já alcança US\$5,5 bilhões em 2017.

Os principais destinos, em 2017, das exportações do agronegócio brasileiro foram: China (33%), União Europeia (17%), Estados Unidos (7%), Arábia Saudita (3%) e Irã (3%). As exportações para os demais países representaram 37%.

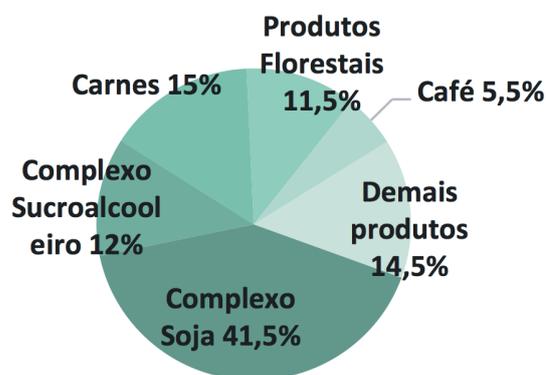
Figura 4: Principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro no período de Jan a Jul/2017 (US\$ bilhões)



Fonte: Agrostat (MAPA).

Já na segmentação por produtos os mais importantes foram: Complexo de Soja (41,5%), Carnes (15%), Complexo Sucroalcooleiro (12%), Produtos Florestais (11,5%) e Café (5,5%). Os demais produtos corresponderam a 14,5% do total de receitas com exportações de produtos do agronegócio, nos primeiros 7 meses de 2017.

Figura 5: Principais produtos do agronegócio brasileiro exportados no período de Jan a Jul/2017 (US\$ bilhões)



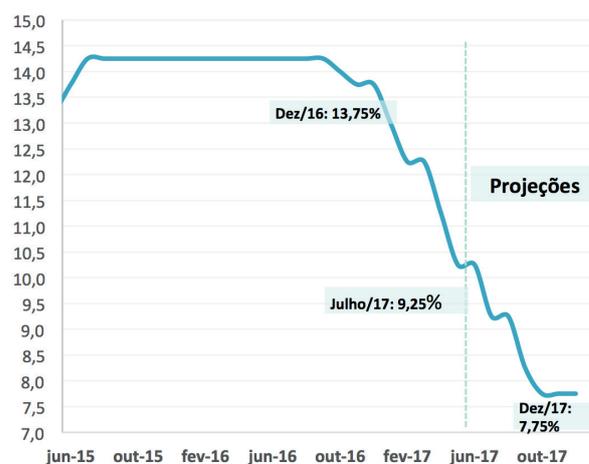
Fonte: Agrostat (MAPA)

Juros (Julho/2017)

A reunião do COPOM encerrada em 26/07/2017 deu continuidade ao ciclo de flexibilização monetária, iniciado em outubro de 2016, levando a SELIC para 9,25% a.a. Essa foi a terceira redução consecutiva de 1 p.p. da taxa básica de juros que iniciou 2017 a 13% a.a. Em janeiro, a redução foi de 0,75 p.p.

As expectativas do mercado apontam que a SELIC deve encerrar o ano a 7,5% (Boletim FOCUS). A LCA projeta uma taxa ligeiramente superior, 7,75% para dez/2017 e dez/2018.

Figura 6: Taxa de Juros no Brasil



— Selic

Fonte: Banco Central do Brasil; LCA Consultores.

*A partir de agosto de 2017 os dados são projeções calculadas pela LCA Consultores em 18/08/2017.

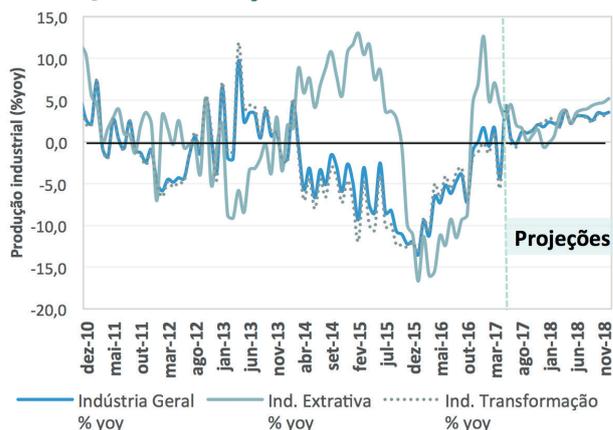
As projeções mostram redução contínua da taxa básica de juros alcançando 7,75% no final de 2017, patamar esperado também para dez/2018.

Produção Industrial (Maio/2017)

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM-IBGE), o desempenho da produção industrial tem apresentado relativa melhora em 2017. Ainda assim, a recuperação consistente parece não ter chegado, uma vez que tanto a indústria geral como a extrativa e a de transformação têm intercalado meses de expansão com de retração. Em junho, a indústria geral cresceu 0,5% e a indústria de transformação encolheu -0,1%.

A recuperação mais consistente tem sido restrita à indústria extrativa cujo expansão tem ocorrido ininterruptamente desde nov/2016. Em junho, cresceu 4,5% frente a junho de 2016, demonstrando aceleração frente a maio quando cresceu 2,9% frente ao mesmo mês do ano anterior.

Figura 7: Produção Industrial no Brasil



Fonte: LCA Consultores. *Os dados a partir de julho de 2017 são projeções da LCA Consultores (18/08/2017).

A LCA Consultores aponta que tanto a indústria geral como a de transformação voltaram a sentir os efeitos da crise em junho/2017. A indústria geral cresceu apenas 0,5% (frente a 4,2% em maio) e a indústria de transformação sentiu ainda mais, registrando retração de -0,1% (frente ao crescimento de 4,4% em maio). Já a indústria extrativa, que desde novembro de 2016, vem apresentando resultados positivos, apresentou ainda melhor desempenho passando de 2,9% em maio para 4,5% em junho/2017.

Produto Interno Bruto do Agronegócio (Maio/ 2017)

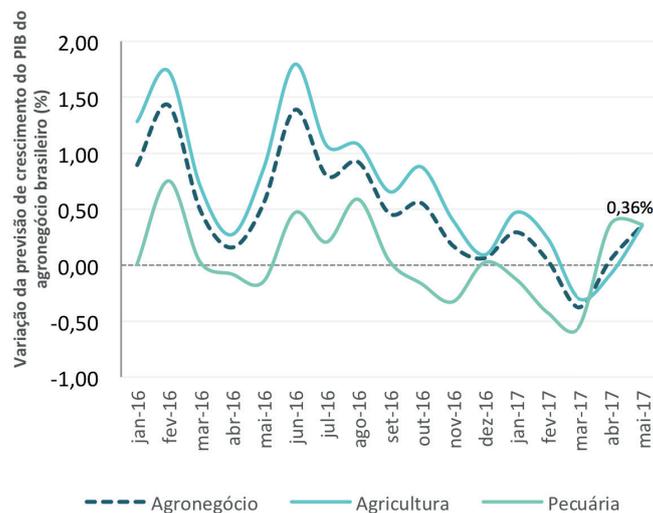
O PIB do agronegócio calculado com dados até maio/2017 apontou expansão mensal de 0,36% acumulando crescimento de igual montante em 2017.

Pela 1ª vez desde set/2016 a agroindústria apresentou resultado positivo. O crescimento de 0,43% em maio/2017, juntamente com a expansão de 0,40% dentro da porteira, e de 0,39% do agrosserviços, sobrepôs-se à retração de -0,26% do segmento de insumos.

No acumulado do ano (janeiro a maio) o desempenho da agroindústria ainda é de retração (-2,13%), mas já menor que no acumulado do 1º quadrimestre, quando chegou a -2,55%. Essa melhora no segmento agroindustrial refletiu no resultado global do PIB do agronegócio que até abril vinha sendo ofuscado justamente pelo desempenho adverso do segmento de processamento.

Quanto aos demais segmentos do PIB do Agronegócio, destaque para o primário cujo crescimento acumulado no ano é de 4,06% (sendo 6,06% no ramo agrícola e -0,07% no pecuário). Os segmentos de agrosserviços e insumos encolheram, respectivamente, -0,30% e -0,35% nos primeiros 5 meses de 2017.

Figura 8: Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio no Brasil



Fonte: CNA/Cepea/USP (15/08/2017).

Índice de Confiança do Agronegócio (2º trimestre de 2017)

O Índice de Confiança do Agronegócio alcançou no 2º trimestre de 2017 92,4 pontos, o menor patamar desde o 1º trimestre de 2016.

O indicador de confiança do produtor agropecuário (“dentro da porteira”) apresentou significativa deterioração frente ao 1º tri/2017 (87,3 pontos frente a 95,5) e revelou-se o menor dentre os indicadores que captam as percepções dos demais atores pesquisados: 93,8 pontos para o indicador de confiança dos agentes “antes da porteira” e 96,9 pontos dos agentes “depois da porteira”.

Para a FIESP e a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) “ao registrar 92,4 pontos, o índice indica perda de otimismo do agronegócio”. Tal percepção estaria associada, segundo o referido estudo, “à piora na percepção da economia e à queda dos preços no período” em parte reflexo do forte aumento de produção da safra 2016/17 cujo fim da colheita coincide com as entrevistas realizadas (até jun/2017).

Período	Índice de confiança do agronegócio	Antes da porteira	Produtor Agropecuário	Depois da porteira
2017/2	92,4	93,8	87,3	96,9
2017/1	100,5	109,4	95,5	102,0
2016/4	104,4	108,8	102,5	104,6
2016/3	106,3	108,2	108,2	103,4
2016/2	102,1	101,8	103,5	100,7
2016/1	82,6	73,3	91,9	77
2015/4	84,3	67,8	88,4	87,1
2015/3	82,4	73,3	85,9	82,7
2015/2	82,8	66,0	86,6	85,8
2015/1	85,5	73,6	87,7	88,1
2014/4	93,5	88,6	97,5	91,6
2014/3	89,3	78,7	93,3	89,7
2014/2	91,8	94,1	93,7	88,9
2014/1	102,7	101,9	97,1	108,7
2013/4	104,4	109,8	97,4	109,3

Fonte: ICAGRO, Ago/2017. (FIESP/OCB).

SUPERINTENDÊNCIA TÉCNICA

Bruno Barcelos Lucchi - Superintendente Técnico

NÚCLEO ECONÔMICO:

Renato Conchon - Coordenador

Fernanda Schwantes - Assessora Técnica

Paulo André Camuri - Assessor Técnico

Rafael Alberton - Assessor Técnico

Boletim Macroeconômico é elaborado pelo Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA.

Reprodução permitida desde que citada a fonte



Compromisso com o Brasil

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K CEP: 70.830-021 Brasília/DF

(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br